

# inc

NOVEMBRO  
DEZEMBRO 1968

#### AS AMOROSAS

Faça love romance num pesonagem diferente neste A Última de Walter Hill.

#### A SANGUE-FRIO

O crime que abalou a América é relatado pelo escritor Truman Capote em um filme de Richard Brooks.

#### BARBARELLA

Uma fã de sexo penetra a mulher do futuro segundo a visão de Roger Vadim.

#### COM O OÍZ SE VIVE DUAS VEZES

James Bond enfrenta a SPICER nos combates de Japão neste seu quinto aniversário.

#### ... E O BRAVO FICOU SO

A tradição do western americano restaurada pelo diretor Tom Gier.

#### O ESTRANGEIRO

Luís Buñuel e a sua visão do romance negro de Albert Camus.

#### A ESTRELA

John A. Hancock, Barbara, Robert Miller e Julie Andrews interpretam Gaiutra Lockwood.

#### A PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM

Um dos lançamentos mais vistos e comentados da temporada narra o romance do realizador de Virginia Woolf, Mike Nichols.

E mais: Adriano Queiroz Van Para Jantar, Os Anos Loucos, Apelo e Verdade, Crime Sem Perdão, O Destino de um Homem, O Diabo é Meu Sétimo, Fábula, Jogos de Noite, Lince Malin, As Palacodolices, Serviço Secreto em Ação, Vingam no fim do Mundo - e outros 62 filmes novos, além dos especiais japoneses em São Paulo.

# GUIA DE FILMES

## 18 FAZ DOIS ANOS

O Editorial de apresentação do "Guia de Filmes" n.º 1 (janeiro de 1967) frisava que, com esta iniciativa pioneira no Brasil "o INC tem por objetivo difundir as informações críticas e de registro necessárias a tôdas as manifestações ligadas ao cinema, culturais, cineclubísticas e dos setores de exibição, distribuição e produção." Dizia ainda que o Instituto "atende, assim, ao crescente interesse crítico despertado pelo cinema, suprindo a ausência de um veículo de documentação ampla e exata".

Dois anos depois, o "Guia de Filmes" atinge o seu número 18 (doze edições mensais em 1967, seis bimestrais de 1968), oferecendo ao colecionador uma consulta global sobre cerca de 80 por cento de toda a produção cinematográfica nacional e estrangei-

ra lançada neste período em todo o país. (Leva-se em conta, nesse cálculo, que os restantes 20 por cento reúnem filmes em circulação por diversos Estados e que ainda não penetraram no mercado exibidor carioca, que é justamente o coberto pela revista). Todos os longas-metragens estreados nos circuitos exibidores da Guanabara durante 24 meses e todos os filmes japoneses de São Paulo, cobertura feita a partir do número 14, desde janeiro de 1968) foram fichados segundo uma fórmula que o Editor do "Guia de Filmes", o crítico Paulo Perdigão, assim define: "A princípio, o nosso modelo era a publicação inglesa do British Film Institute, "Monthly Film Bulletin," que atualmente completa 36 anos de existência e atinge o número 422. Ou seja: fichas técnicas completíssimas (incluindo todos os nomes de personagens, sonografia, assistência de direção, gerência de produção, funções menores na criação artística do filme), resumos de argumento bastante extensos e comentários ligeiros. Após o número 12, a forma foi modificada nos detalhes: restringimos os créditos ao estritamente necessário (partindo do princípio de que a ficha mais longa tumultuava a clareza da consulta), resumimos a sinopse e ampliamos as observações informativas. Por razões de economia de espaço, continuamos reservando os comentários para os filmes de maior interesse crítico ou artístico, enquanto o "Monthly Film Bulletin" se encarrega de criticar todos os filmes catalogados. Mas, em matéria de informações filmográficas, referências cruzadas e revelações "de bastidores", podemos dizer que a cobertura do "Guia" é bem mais completa do que a de seu similar inglês."

Segundo Perdigão, "se o consultor do "Guia de Filmes" não pudesse contar com esse veículo de informação, e precisasse dispor de todos os dados nele habitualmente contidos, só haveria outro recurso — aquele que é usado pela Redação da revista. Isto é: formar uma biblioteca rigorosamente fichada com os diversos catálogos anuais de produção dos países de origem (Unitália, Unifrance, Ünijapan, etc), almanaques ou anuários da grande indústria (como o "Motion Picture Almanach"), publicações publicitárias (por exemplo: "Film Polski", "Unifrance Film"), e, sobretudo, assinando as principais revistas do mundo para estar em dia com os acontecimentos. Em nosso caso, revistas tão famosas como os

"Cahiers du Cinéma" ou "Sight and Sound" — mais analíticas do que informativas — importam menos do que uma consulta freqüente às francesas "Télé-Ciné", "Cinéma 69", "Positif", "Midi-Minuit Fantastique", "Présence du Cinéma", "La Cinématographie Française", às italianas "Bianco e Nero" e "Cinema Nuovo", às inglesas "Films and Filming" e "Monthly Film Bulletin" e às americanas "Films in Review", "Film Culture" e "Film Quarterly". Isso sem contar a nossa Bíblia de informações "de bastidores": o semanário americano "Variety".

Antes do "Guia de Filmes", no Brasil, só o Serviço de Informação Cinematográfica (da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) oferecia a assinantes fichas filmográficas, havendo editado para venda apenas quatro volumes, entre 1955 e 1961. Atualmente, quem coleciona o "Guia de Filmes" desde o seu primeiro número dispõe de um volume de referências bastante extenso. Até o número 18, inclusive, a revista fichou 1.034 filmes novos. A saber: 455 durante o ano de 1967, e 579 no decorrer de 1968 (sendo que, nesse segundo grupo, 490 eram produções estreadas no Rio, e 89, as japonesas de São Paulo). Nas edições mensais do primeiro ano, chegou a reunir 48 fichas em um único número (agosto, n.º 8), mas o recorde foi batido em todos os seis números do segundo ano, por serem bimestrais. Em 1968, o exemplar mais grosso (40 páginas: n.º 16, julho/agosto) reuniu nada menos do que 115 fichas.

Paulo Perdigão, Editor Geral, tendo como principal colaborador o crítico e professor de Estética e História do Cinema Ronald F. Monteiro, vem formando equipe permanente desde a saída da revista, contando — desde o número 14 — com a correspondência enviada de São Paulo (filmes japoneses) pelo crítico de "O Estado de São Paulo", Carlos Maximiano Motta, e com as pesquisas filmográficas de Michel do Espírito Santo. Quanto à equipe de Colaboradores, sempre aberta a novos nomes, o "Guia" já publicou trabalhos dos seguintes críticos: Antônio Moniz Vianna, Ely Azeredo, Fernando Ferreira, Jaime Rodrigues, Alberto Shatovsky, Alfredo Sternheim, Salvyano Cavalcanti de Paiva, José Lino Grünwald, Claudio Melo e Souza, José Carlos Avellar, Sérgio Augusto, Valério Andrade, Carlos Fonseca, José Sanz, P. R. Browne, Alfredo Stodhart.